

NOTAS SOBRE PAULO FREIRE E PEDAGOGIA SOCIAL: CONCEITO, PRINCÍPIOS E VERTENTES.

Margareth Martins de Araújo (Projeto PIPAS-UFF)

RESUMO: O artigo em tela objetiva socializar reflexões acerca da Pedagogia Social realizada no âmbito da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, sob os auspícios do Projeto PIPAS-UFF (Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Formação Inicial e Permanente de educadores de Crianças e Jovens em Situação de Vulnerabilidades). Somos um clã de pesquisadores sociais, com a simbologia da pipa e como arautos da “boa-nova”: cruzamos o céu, levando esperança, tocando almas, transformando pessoas, semeamos esperança e impactamos positivamente a vida”. A opção pelos excluídos está no DNA da ciência por nós produzida, a nos formar e informar sobre a necessidade de uma ciência ética, humanizada e a favor da inclusão dos excluídos. Aqui abordaremos conceitos, princípios e vertentes de uma pedagogia realizada em contextos de emergências.

Palavras-chave: Educação, Pedagogia Social, Formação do Educador Social, Epistemologia da Educação social, Formação Humana, Bem Estar Social.

ABSTRACT: The on-screen article aims to socialize reflections on Social Pedagogy carried out within the Faculty of Education of the Fluminense Federal University, under the auspices of the PIPAS-UFF Project (Research, Teaching and Extension Group in Initial and Ongoing Education of Children and Youth Educators in Situation of Vulnerabilities). We are a clan of social researchers, with the symbology of the kite and as heralds of the “good news”: we cross the sky, bringing hope, touching souls, transforming people, sowing hope and positively impacting life”. The option for the excluded is in the DNA of the science we produce, to train us and inform us about the need for an ethical, humanized science in favor of the inclusion of the excluded. Here we will approach concepts, principles and aspects of a pedagogy carried out in emergency contexts.

Keywords: Education, Social Pedagogy, Social Educator Training, Epistemology of Social Education, Human Development, Social Welfare

CONCEITUANDO A PEDAGOGIA SOCIAL QUE FAZEMOS

Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. ... Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (Paulo Freire).

A Pedagogia Social nasce com a marca da opção pelos excluídos. Alinha-se ao campo de estudo humanista, só que desta feita, entre séculos (XX-XXI). Compreende o homem a caminho da compreensão de si, do outro e do sentido da vida; em equilíbrio com tudo e com todos; apaziguado com sua humanidade e evoluindo com o planeta. É uma pedagogia dialógica por conceber o homem no convívio ordinário com os seus pares, de forma coletiva e interativa. E, portanto, uma pedagogia ética, marcada pela dignidade humana, que busca compreender o homem em devir. Compreendê-lo em devir significa aceitação em sua legitimidade. Maturana (1998), afirma: “E sem aceitação e respeito pelo outro como legítimo outro na convivência não há fenômeno social.” (p.30) Eis a tônica de o nosso fazer.

É um campo do conhecimento que estuda o ser humano em situação de vulnerabilidade. Considera os contextos de emergências do flagelo humano e propõe ações pedagógicas, aos desafios sociais. Por compreender o ser em sua complexidade, busca no estudo intelectual associado à convivência e ao trabalho altruístico, seu processo de formação, cuidado e serviço. Há de se ter um espaço emocional interno voltado para o próximo em situação de fragilidade, sem julgá-lo e disponibilidades para socorrê-lo, independente do espaço em que se encontre: da escola ao presídio, da rua ao luto, com ou sem o vírus é uma pedagogia necessária, alinhada com o seu tempo e a serviço dos seus desafios. A cada geração novos desafios se apresentam; é preciso estar de prontidão para atendê-los.

Toda pedagogia é social, isso não se discute. Todo o ser humano nasce em um núcleo social e por isso a Pedagogia Social é aquela que considera não apenas o pedagógico, mas também o social. Não há Pedagogia Social sem o pedagógico, porém há pedagogia sem o social. Eis a fundamental diferença. A Pedagogia Social por nós realizada trabalha o pedagógico atrelado ao social. Considera o ser que aprende imerso em suas histórias e memórias, em seus textos e contextos de emergências, aprende com

eles para ensinar a todos e a cada um, cada vez mais e melhor. Eis um fazer pedagógico que exige pesquisa permanente por parte dos educadores e, por esse motivo, também é constituidora de processos formativos para todos. Foi em situação de pesquisa que compreendemos a considerar todos os que trabalham na escola como educadores. Aprendemos que educamos uns aos outros, via pedagogia da convivência e percebemos a importância de educar os sentimentos, na promoção da cultura da paz.

Como afirma Araújo (2015), o segredo de ensinar a todos e a cada um está dentro de todos e de cada um. É por isso que fazemos uma pedagogia social, atrelada ao *modus vivendis* do aprendente. O modo de vida, meio de viver, estilo de vida ou método de viver é considerado pelo educador social que *in loco* e de mãos dadas com a pedagogia da convivência, aprende, ensina, convive e dá sentido ao fazer pedagógico de muitos educadores e educandos que, nas últimas décadas viram o sentido do ato de educar esvaír-se de suas mãos sem nada poder fazer. Lá se vão duas décadas de exercício de uma pedagogia que trabalha na e para emancipação humana, promovendo possibilidades em meio ao desacreditado, impossibilitado e invisibilizados. É possível afirmar que a Pedagogia Social trouxe novo sentido ao fazer educativo.

O binômio aceitação-convivência se faz presente de forma permanente na Pedagogia Social. Para ser um educador social é preciso, principalmente, gostar de gente. É por aqui que passa a transformação do mundo de forma potente, inegociável e irreversível. Eis uma via possível para a construção de um futuro possível. É por isso que afirmamos: educador social, projetos de futuro à humanidade. Trata-se de uma postura política que envolve a aceitação de si e do outro. Maturana, (1998) afirma:

Quero um mundo em que meus filhos cresçam como pessoas que se aceitam e se respeitam, aceitando e respeitando outros num espaço de convivência em que os outros os aceitam e respeitam a partir do aceitar-se e respeitar-se a si mesmos. Num espaço de convivência desse tipo, a negação do outro será sempre um erro detectável que se pode e se deseja corrigir. Como conseguir isso? É fácil: vivendo esse espaço de convivência. (MATURANA, p.41)

A compreensão é a categoria prima dessa pedagogia que se torna social ao socializar suas ações de forma amorosa e ao mesmo tempo combativa, porque sonha com um futuro melhor para a humanidade. Um futuro a ser construído pela própria humanidade ao se compreender como coletiva e ao buscar saídas coletivas para os desafios que a ela se apresenta. A possibilidade, da quebra de patente das vacinas,

ilustra bem essa concepção. O desafio que se impõem e também um grande legado do período pandêmico é o de pensar mais no coletivo e menos no individual. É migrar do paradigma excludente e, se por a caminho de um paradigma includentes. São práticas que já existem, ainda que de forma tímida, mas que possuem um alto teor de transgressão e ousadia. Sim, é tempo de sonhar para os sonhadores, afirma MARTINS (2020). Enquanto a humanidade não olhar para si como um todo, abrirá mão de compreender-se enquanto humana. Continuará fragmentada, sofrida e flagelada.

Trata-se de uma luta em prol da sobrevivência humanidade sob a égide da integração, onde se vislumbra a unidade na diversidade. Estamos no limiar da quebra de um paradigma e momento de gestação de um novo. Somos, portanto, uma Pedagogia que carrega, desde seu nascedouro, a responsabilidade de não repetir os erros do passado. Precisamos sim com ele aprender, na busca do entendimento daquilo que ainda não compreendemos-sabemos. A ciência produzida até agora foi de grande relevância, porém marcada pela frieza acadêmica, promoveu a coisificação do ser, tratando-o como objeto, transformando-o em uma peça a ser estudada, excluindo seu sentimento, história e memória. O resultado foi o sucesso de poucos e o sacrifício muitos.

Estamos às voltas com tratativas de uma ciência da compaixão, que se pretende a serviço da vida e em prol da existência com dignidade para tudo e para todos. A preservação da vida desde a concepção até a morte natural é o seu principal objetivo. A concepção teórica freireana orienta a Pedagogia Social e sinaliza ser possível dar o próximo passo na busca de uma ciência que une a coragem de lutar a coragem de amar:

Acontece, porém, que a amorosidade de que falo, o sonho pelo qual briga e para cuja realização me preparo permanentemente, exigem que eu invente em mim, na minha experiência social, outra qualidade: a coragem de lutar ao lado da coragem de amar. (FREIRE, 1997p. 38)

O campo de atuação do pedagogo social é a vida humana. Um espaço-tempo forjado no tempo presente, com desafios do presente, marcado por nossas opções históricas, políticas e sociais. Compreendemos ser de extrema importância formar educadores sociais conciliados com sua humanidade; que sejam capazes de humanizar-se para humanizar. Nossas escolhas nos constituem e fazem parte do nosso fazer. Prigogine (1996), afirma ser a ciência um empreendimento coletivo, com a Pedagogia Social não é diferente. Por ser tarefa para muitos, funciona como um banquete no qual todos têm lugar reservado, ora servindo, ora sendo servido. É, portanto, uma pedagogia

da empatia, do zelo, da comunhão e da superação individual e coletiva. Trata-se da pedagogia do nenhum a menos, da inclusão e da superação. Sempre é possível fazer algo por alguém de onde estamos com o que temos e sabemos.

O servir é o nosso lema. Por esse motivo abraçamos o trabalho altruístico e com ele aprendemos a dirimir o fosso entre teoria e prática existente na formação acadêmica. Problemática construída a partir da opção por um paradigma que acaba por classificar, agrupar e excluir, independente da ciência que ele inspire. Na contramão do instituído transitamos e nos dispomos a tratar o ser humano com dignidade. É uma pedagogia ousada, realizada por humanos para humanos. Da gestação à hora derradeira, nesse momento ela assume a característica de uma pedagogia entre mundos. Por nunca abandonar o ser em sua vulnerabilidade é uma pedagogia da vida e pela vida. Independente do lugar de fala dos seus sujeitos, compreendemos ser a vulnerabilidade uma condição humana e, de uma forma ou de outra, seremos-estaremos expostos a ela. Concebemos a amorosidade como acolhimento, escuta e orientação do outro, com o outro e para o outro.

PERSPECTIVAS E PRINCÍPIOS

Compreendemos princípios como bases norteadoras de uma proposta científica, capaz de inspirar o fazer e o pensar de uma produção acadêmica pautada nas referenciais estruturais e estruturantes do seu tempo. Funcionam como alicerce na busca de uma postura acadêmica de uma pesquisa solidária, com bases humanitárias. Bases que no dizer de Boaventura (1987), referindo-se ao paradigma emergente, se traduz em uma ciência pudente para uma vida decente. Visamos o BOM, O BELO e O BEM, para tudo e para todos, independente de suas classes sociais, credos, cores da pele ou contas bancárias. É na simplicidade da ciência por nós produzida, concordando com Morin (1980), ao afirmar a existência de complexidade na simplicidade, que damos a ver o testemunho teórico-prático de o nosso fazer. Expandimos nossa percepção de produção científica na busca do equilíbrio do homem com ele próprio, com a natureza e com tudo que o cerca. Em tempos pandêmicos é possível buscar esse equilíbrio com a escassez de vacina ou com a privação de vacinas para muitos? Assim nos movemos no mundo na esperança de construção de dias melhores e de um futuro possível à humanidade.

A Pedagogia Social trabalha com a perspectiva do bem estar social do Butão. Um país encravado na Cordilheira dos Himalaias, temos muito a aprender com esse país. Ele se mantém como uma pérola da humanidade, com toda a população alfabetizada, não há fome, existe acesso à saúde para todos. Eis aspectos que promovem o bem estar social de um povo. Os bens materiais não são valorizados como ocorrem em muitos países. Certamente outro paradigma o rege. O Butão é considerado o país mais feliz do mundo, de acordo com o índice conhecido. Como a filosofia da FIB (Felicidade Interna Bruta). Ele também foi o primeiro país a aderir a essa medição. Para nós da Pedagogia Social, o bem estar é humano e se fortalece ao produzir e a felicidade. Ambos propiciam o encontro do homem com sua humanidade, educa os sentimentos e promove a paz. Lá existe a convicção de que o objetivo da vida e as necessidades humanas são mais do que materiais.

Deixe a natureza ser seu professor é o lema da educação no Butão e a Pedagogia social muito se inspira na natureza. Nossa proposta é apaziguar o homem com sua humanidade e com a natureza que o habita e circunda. É possível! Eis um princípio que já saiu do papel e passou a habitar não só o Butão, mas algumas comunidades sustentáveis aqui no Brasil e no mundo. Acreditamos ser possível trabalhar nesse sentido, produzindo uma ciência que abrace o ser humano e a sua humanidade. Começamos a construir o conceito de bem estar humano, com o qual trabalhamos que não guarda afinidade com o conceito político de bem estar social; através dos estudos da obra de Buscaglia (1998), AMOR. Ao afirmar ser “o verdadeiro amor é um fenômeno humano”, contribui para nossas reflexões no que se refere à possibilidade de aprender a amar, talvez não possa ser transmitido por vias acadêmicas; precisa ser vivido, experienciado, experimentado.

Não existem tipos de amor, o amor é amor; só existem intensidades de amor. O amor é confiar, aceitar e acreditar, sem garantias. O amor é paciente e espera, mas é uma espera ativa, não passiva. Está se oferecendo continuamente numa revelação mútua, num compartilhar mútuo. O amor é espontâneo e precisa se expressar pela alegria, pela beleza, pela verdade, mesmo pelas lágrimas. O amor vive o momento; não está perdido no passado nem precisa do amanhã. O amor é Agora! (BUSCAGLIA, 1998, p. 36)

Inicialmente tentamos compreender o conceito do amor e o seu papel na formação universitária de futuros professores, orientadores educacionais, diretores,

educandos, familiares e sociedade. Hoje, passadas algumas décadas, o grupo de pesquisa de Leo Buscaglia redireciona sua atenção também para o bem estar humano, como desdobramento de suas pesquisas anteriores. Tanto o Butão quanto Harvard sinalizam, para o mundo, as possibilidades de novos matizes formadores a partir da perspectiva do paradigma emergente sinalizado por Boaventura.

Para a Pedagogia Social, bem estar humano, amor, aceitação e felicidade compõem um acervo de sentimentos capazes de promover a superação para o flagelo humano. É a inteligência emocional, mais desenvolvida em algumas pessoas e menos em outra. Ela foi deixada de lado pelo paradigma dominante, trazendo sérias consequências à vida. Eis o motivo pelo qual investimos na educação dos sentimentos. Optamos por ela como postura política, de ajuda humanitária, na lutar pelo direito ao respeito aos sentimentos de todas as pessoas. É através dos sentimentos que queremos voltar ou nunca mais estar em algum lugar. É por ele também que nos negamos a ver ou estar com pessoas. O sentimento imprime no ser humano o sentimento, disparando o gatilho da lembrança que, aflora de acordo com a situação. Seres humanos em situação de vulnerabilidade

Não tardou a compreensão de que o amor é um componente fundamental à existência humana e faz toda a diferença nas relações pessoais e interpessoais na escola e na vida. Aceitar o ser humano em sua legitimidade produz um exercício de amor permanente por si, pelo próximo e pelo planeta, é impossível amar um sem o outro, sob pena de fazê-lo pena metade. Com base nessa perspectiva associada aos achados da pesquisa do doutorado aprendemos que de posse da teoria dos três As, é possível ter sucesso não apenas no ambiente escolar, mas na vida. A teoria dos três “As” (Martins 2004), afirma que havendo acolhimento e aceitação, haverá aprendizado e superação de situações de vulnerabilidades dentro ou fora do ambiente escolar. A teoria dos três “As” tem como consequência atitudes de solidariedade, compaixão e ética para com os seres, pelo planeta, na e pela vida.

Sonhamos e lutamos, por opção política, por uma pedagogia promotora da educação dos sentimentos. Os sentimentos gravam na “fita magnética da vida”, especificamente na alma e no coração, tudo que nos ocorre e o transmitimos geneticamente aos descendentes. Vivências de sucesso produzem seres humanos predispostos ao sucesso. É por esse motivo que a Pedagogia Social aponta para atitudes de acolhimento, aceitação e orientação. Com elas poderemos mudar o mundo. Simples e descomplicado assim. Por isso poderoso, está ao alcance de todos. **É revolucionário!**

São atitudes que promotoras de prazer, aceitação, bem estar, alegria, amor e afeto; trazem um novo sentido à vida. Como a tendência humana é repetir o que dá prazer, voltar á escola, por exemplo, não será doloroso nem para as crianças e jovens e nem para suas famílias. Em espaços de pesquisa é visível o adoecimento docente e o sofrimento de muitos educandos ao não se verem reconhecidos na e pela escola. TEMOS IDEIA DO QUE ISSO SIGNIFICA? Fazer o simples é mais simples!

A filosofia com a qual trabalhamos é: testemunhar a felicidade, atingir a compreensão mais profunda de si e do próximo; buscar o sentido da vida para significá-la, sentir o amor, receber o que o dinheiro não compra. É preciso não se sentir ameaçado com a presença do outro, não estar em permanente postura de competição e permitir-se ser, simplesmente quem é. Sonhamos com a educação dos sentimentos, capaz de educar a todos e a cada um (Araújo, 2015), que não classifique e não exclua por sermos diferentes, pois a diferença é o que temos em comum. Reforçamos nossas reflexões na busca da coerência Freireana, sublinhando a importância de sermos tradutores da nossa fala em nossa prática favorecendo a percepção do encontro com o outro como descoberta da nossa própria humanidade. Acreditamos na força da palavra associada á força das atitudes, na grandeza dos gestos e nas sutilezas das ações.

Trabalhar com Pedagogia Social a partir da perspectiva do amor e do bem estar humano é antes de tudo, optar pelo sucesso dos excluídos, uma vez que ambas são vias produtoras do mesmo. Eles funcionam como alavanca produtora de possibilidades, onde muitos só vêm impossibilidades. Eis o segredo: é pela aceitação do outro em sua legitimidade que, o retorno à vida cotidiana se processa para os integrantes do flagelo humanos. Passam da invisibilidade à visibilidade. Deixam de ser um número na chamada, no prontuário ou no processo judiciário. Passam a existir, ter rosto, materialidade. Já não são mais os soterrados da nação (GUIMARÃES, 2010). Ganham visibilidade, alguém os vê, estende a mão, acolhe e orienta na travessia do mar turbulento chamado vida. Não estão sozinhos. Ali está o Pedagogo Social, sentinela, guardião e companheiro no exercício de suas funções. Sempre em vigília em seu posto avançado, perigoso e delicados. É por esse motivo que não canso de trabalhar na formação inicial e permanente de profissionais tão caros a vida ameaçada: guarda-vidas social, encarregados de vigiar, preservar e socorrer. Apuremos nossas percepções acerca do tema com FREIRE (1980:96), ao afirmar: Quer dizer, a educação enquanto ato de conhecimento é também e, por isso mesmo, um ato político. (...) não há mais como admitir uma educação neutra a serviço da humanidade, como abstração.

Então é possível afirmar não haver neutralidade na ação do educador social. Para nós trabalhar com a categoria amor é um ato político, É uma opção política. O que é o amor para os pedagogos sociais? É uma força política potente, capaz de fazer transformações internas e externas na humanidade. É um sentimento capaz de alterar dissipar o ódio da face da terra. Como sinalizou Mahatma Gandhi: O amor de um único ser neutraliza o ódio de milhões de seres. É com essa força que trabalhamos ao educar os sentimentos, por meio do trabalho altruístico, do servir e do estar disponível para o outro. É uma prática com a qual aprendemos, paulatinamente, o nosso lugar na relação com o outro, no convívio e na troca. Colocar-se a serviço do outro promove importante compreensão sobre possíveis metodologias formativas de novos valores sociais, tão necessários à atualidade como: solidariedade, ética e misericórdia, por exemplo. Um povo misericordioso, sabedor de suas limitações, será capaz de perceber que a saída da humanidade é coletiva, jamais foi ou será individual. Basta olhar para a natureza, o planeta terra é a casa coletiva de todos.

Falamos sobre a construção da cultura da paz, tão necessária na atualidade. Basta olhar para a história da humanidade para afirmar: mundo jamais teve um minuto de paz. O que se passa com a raça humana? O outro, por ser diferente, não é nosso inimigo. O outro importa. Trata-se de um convite à inversão de sentimentos de ódio, produtores de guerras e ceifadores de vida. A visão bélica com a qual os homens têm sobrevivido até agora é fruto, em grande parte, do desconhecimento da própria humanidade. O reconhecimento da humanidade do outro, pressupõem o meu autoconhecimento. Para os educadores sociais isso é amor. É pelo outro e para o outro que aqui estamos. Olhem para a família, escola, profissões: é para outro. É com e pelo outro que experimentamos nossa humanidade, o sentido da vida e o valor da existência humana.

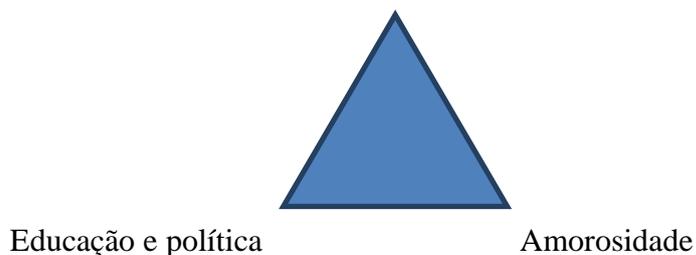
VERTENTES DA PEDAGOGIA SOCIAL: UMA QUESTÃO DE JUSTIÇA PEDAGÓGICA

Trabalhar com a Pedagogia Social, longe de ser um desafio de fácil solução, exige de nós o exercício permanente do diálogo, da escuta e da troca, em prol de um projeto que unifique o fazer e o pensar de todos. Importa saber que existem saídas, aliás, saídas, e cabe ao coletivo da escola construí-las com a expertise de cada um. É tarefa para muitos e desafios para todos. Falamos e realizamos aquilo que denominamos de

justiça pedagógica, termo por nós cunhado que significa tornar possível os impossíveis. Referimo-nos a seres humanos vitimados de um sistema educacional político e social segregador e espoliante que exclui historicamente gerações após gerações dos bancos escolares, da sociedade e da vida. Dessa forma surge nossa opção pelos excluídos e o trânsito da nossa pesquisa no eixo educação-pobreza. Afirmamos estar em nosso DNA científico tal opção. Diferente disso não tem sentido fazer Pedagogia Social como Justiça Pedagógica.

O conceito de justiça pedagógica nasce ancorado em princípios freireanos que, ao longo de três décadas se transformaram em vertentes da Pedagogia Social por nós exercida; são eles: inacabamento, educação e política e amorosidade. Eis a trilogia pedagógico-social com a qual trabalhamos. Ela é responsável por partejar o conceito de justiça pedagógica e nos fazer compreender que, o fracasso histórico dos vulneráveis, nem sempre tem origem na cognição. A teoria dos três “As” ARAÚJO (2015), por exemplo, promove a compreensão de que para os vulneráveis, a aceitação e o acolhimento promovem aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa realizada por ocasião do doutorado, UNICAMP (2004), com 198 crianças e jovens em situação de vulnerabilidades, em seus textos e contextos de emergências, dos quais noventa e oito por cento aprendeu. Ou seja, são componentes importantes no processo de justiça pedagógica. Aqui compreendemos que todos podem; cada qual ao seu tempo e da sua maneira. Um paradigma que formata pessoas obriga a todos a aprenderem ao mesmo tempo; é de pouca ajuda e promove a exclusão de muitos e promove desigualdades.

Com base nos estudos de Paulo Freire (1980, 1987, 1993, 2007), três vertentes norteiam a Pedagogia Social, a saber: educação e política, inacabamento do ser e amorosidade. Dentro das possibilidades compreensivas que temos, são vertentes fundamentais com as quais nos movemos no território da Pedagogia Social e podem ser aplicadas, desenvolvidas e aprofundadas dentro de qualquer ciência promotora da dignidade humana e do bem estar humanos. Onde existam pessoas em situação de vulnerabilidade, a ciência que delas, se ocupa independente da área de pesquisa e ou formação, clareza de que o inacabamento do ser, associado à compreensão de que a opção pelos excluídos é sim uma opção política, agregada à amorosidade, será capaz de resgatar pessoas, de tocar almas e transformar vidas.



Eis as vertentes sobre as quais nos movemos. Em diálogo uma com as outras, promovem uma Pedagogia Social capaz transgressora, irreverente e promotora da dignidade humana. É uma pedagogia que se ocupa com a vida, principalmente quando ameaçada pela negação de alguns dos seus direitos. Por compreendermos a educação como um direito, quaisquer pessoas, em processo formal ou informal de aprendizagem, estará em risco e por isso lutamos para que aprendam sempre. Assim o compreendemos por perceber que um povo sem acesso ao ensino, tem seu futuro ameaçado. O descaso para com a educação é sinônimo de descaso para com o país. A quem interessa? Trata-se de uma trama macabra que inspira políticas públicas para educação na contramão do necessitado estudantes, sociedade e país. Cada instituição tem objetivos próprios e o não cumprimento dos mesmos põem em risco seus usuários.

Quanto mais abandonado se encontra o povo de uma nação, mais se faz necessária uma pedagogia que seja social, que lute independente do espaço em que o ser humano se encontra, pelo acesso e permanência com sucesso no mesmo. Em tempos pandêmicos eis uma situação que se amplifica mediante aos desafios que se apresentam. Tomemos como exemplo a necessidade imposta pela pandemia da utilização de computadores por pessoas sem acesso aos mesmos. De posse de apenas um exemplo, dentre os milhares existentes, caminhamos com nossas reflexões ancoradas na percepção de ser a Pedagogia Social uma ciência imbricada com o seu tempo, com o tempo presente e necessita modificar-se *pari passu*, com as mudanças ocorridas na sociedade, sob pena de encastelar-se. Por esse motivo é também percebida como uma pedagogia em movimento e o ser em devir é o seu primo objetivo. O desafio que se estabelece é o de criar uma formação de pedagogos sociais capazes de lidar com o aleatório, com o devir humano, com o inacabamento, dentro de um paradigma dominante que visa o controle.

Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele. Esta é a diferença profunda entre o ser condicionado e o ser determinado. A diferença entre o inacabado que não se sabe como tal e o inacabado que histórica e socialmente alcançou a possibilidade de saber-se inacabado. (Paulo Freire, 1993, p.3)

Ao trabalharmos com o devir humano, apostamos em um movimento de migração para o paradigma emergente, para que possamos de posse de novas pesquisas, compreender melhor o que se passa e mudar quando tudo muda. Eis a questão: mudar quando tudo muda! O pedagogo social precisa ser um pesquisador permanente, acompanhar os apelos que emergem da sociedade para melhor servi-la. É ela, a sociedade quem dá o tom do trabalho do educador social, e não o contrário. Então é com a humildade do eterno aprendiz, na vida e pela vida que nos movemos no mundo construindo uma educação sem fronteiras, a serviço da vida e em prol da humanidade (ARAÚJO, 2020).

Por não sermos seres condicionados nos confrontamos diariamente com a possibilidade de fazer diferente, de mudar e de rever nossas certezas. Trata-se de um processo a ser enfrentado por todos que se percebem em construção. Se errar é humano, a possibilidade de rever nossa história e escrevê-la de forma diferente também é. A demanda criada a partir dessa compreensão é exatamente a possibilidade de recomeçar, de renascer das cinzas e de se por de pé diante dos desafios da vida cotidiana. Compreender as questões da vida como desafio e não como problema se faz imperativo para a superação humana. Temos aprendido um pouco a esse respeito ao conviver. Em situação de pesquisa, com crianças, jovens, seus familiares e professores sobre o quanto é importante a compreensão de que há saídas para os desafios da vida. É como dizem os sujeitos da nossa pesquisa: “Há jeito para tudo nessa vida, menos para a morte.” No cadinho da convivência de pesquisa que nos fazemos e nos refazendo na busca permanente de uma Pedagogia Social que, segundo (ARAÚJO) seja capaz de ensinar a todos e a cada um. (2015:56)

Como formadores de educadores sociais, abraçamos uma perspectiva inspirada no devir humano. Nosso maior desafio é o de trabalhar na formação de educadores sociais para trabalhar exatamente com esse devir. Para trabalhar com um ser em movimento. Para considerar o movimento ao elaborar o planejamento, o processo avaliativo e o replanejamento. A vertente do devir humano muda as relações de poder

no interior das instituições, flexibiliza formas reprodutoras de padrões pré-estabelecidos e, acima de tudo, instaura o diálogo entre os sujeitos envolvidos no processo. Independente do espaço de ação do educador social, Trabalhar na vertente do devir humano exige, precipuamente: convivência, aceitação das pessoas como são, diálogo e respeito.

Exige a compreensão de que todos podem, cada um a seu tempo, mas todos podem. Na aceitação do outro em devir vamos fabricando o futuro, cômnicos de que não somos determinados. É com FREIRE (1991), que afirmamos: “[...] existe na medida em que eu ou nós mudamos o presente. E é mudando o presente que a gente fabrica o futuro: por isso, então a história é possibilidade e não determinação” (p. 90). É um posicionamento político, é opção. A teoria freireana nega o pré-determinismo e argumenta que o futuro vai acontecendo, se construindo *pari passu*, com nossas escolhas. Acreditamos em uma Pedagogia Social na qual a sacralidade da vida seja respeitada, a humanidade e o planeta sejam o centro, principalmente quando ameaçados.

Pelo exposto acima fica evidente trata-se de uma escolha embasada na opção política da emancipação humana. Chegamos assim a segunda vertente da Pedagogia Social por nós realizada. Nossas opções são ancoradas no compromisso pedagógico-social de promover uma educação capaz que atender o ser humano em sua necessidade, seja em escolas, nas ruas, hospitais, etc. Colocamos nossa formação como ponte entre uma situação de vulnerabilidade e a superação da mesma. Não somos bengalas, somos artífices do possível para os impossibilitados. O fazemos por perceber tratar-se de um direito. Não é bondade de nossa parte, embora nada tenhamos contra a bondade, é opção política e, como tal, demanda estudo, pesquisa e elaboração de estratégias de abordagem. Aqui não há receitas de bolo. Cada experiência vivida nos remete a compreensão do que fazemos, com quem fazemos e porque fazemos. Assim alinhamos nosso fazer com os objetivos proposto, ajudamos na construção de políticas públicas para o flagelo humano; seja na área da saúde, educação ou tantas outras. Onde há ser humano há vulnerabilidade; há espaço para a Pedagogia Social. Sigamos com FREIRE (1982), ao afirmar:

A minha grande preocupação é o método
Enquanto caninho de conhecimento. Mas
agente ainda tem que perguntar em favor
De que conhecer e, portanto, contra que

Conhecer; em favor de quem conhecer e
Contra quem conhecer. Essas perguntas
que a gente se faz enquanto educadores,
lado do conhecimento que é sempre a
educação, nos levam à confirmação de
outra obviedade que é a natureza política
a educação. Quer dizer a educação
enquanto ato de conhecimento é também e
por isso mesmo um ato político.(...) não
há mais como admitir uma educação neutra
a serviço da humanidade,
como abstração.(Paulo Freire)

Não somos neutros. Apostamos na formação teórico-prática, de educadores sociais compromissados com o ser humano em construção. Como sujeito do seu tempo, com possibilidades e limitações inseridas na concretude do real. Movemo-nos pela sociedade no pleno exercício de um saber-fazer imbuído do compromisso com o outro, do respeito e do cuidado para com o próximo, para servi-lo cada vez mais e melhor. Aprendemos sobre nossa metodologia de trabalho no e com o trabalho; ouvimos, consideramos o ouvido, refletimos e refinamos nossa compreensão sobre o método como caminho de conhecimento. Desta forma a universidade ganha um novo tom em nossas vidas, criamos matizes intelectuais através dos quais compreendemos cada vez mais e melhor o nosso fazer. Reafirmamos nosso compromisso com a superação humana, com um fazer sócio pedagógico mais humano e, por isso, potente.

Concebemos a Pedagogia Social como um ato político, que envolve escolhas de paradigmas, epistemologias diferenciadas e uma ciência marcada pelas demandas atuais da sociedade. Nela, na Pedagogia Social, em seu seio, gestamos cientistas sociais capazes de incluir pessoas, orientar vidas e produzir novos significados as mesmas. Aprendemos a assim fazer, na vida e pela vida, com seus sujeitos vulneráveis, nos fortalecendo nesse fazer. Longe de ser a panaceia do mundo, somos apenas uma pequenina parte daquilo que a ciência promotora de vida pode fazer por si mesma, pelo outro, pela sociedade e pelo mundo. Também não somos exemplo para ninguém, mas como uma pedagogia entre séculos (XX-XXI), é possível compreender o generalizável e o específico de cada um. Somos um clã de pesquisadores sociais dentro da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, a opção pelos excluídos está em nosso DNA científico. Transitamos com nossa pesquisa no eixo educação-pobreza, pois acreditamos ser a vulnerabilidade uma condição humana.

Concebemos a educação como direito e como tal, há de chegar para todos, de forma democrática, sincera e potente. A próxima vertente freireana com a qual trabalharemos é a amorosidade. É com FREIRE (2007), que expressamos nossa luta por uma educação mais amorosa e como justiça social.

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade. (p.5).

Nada temos contra a caridade, sabemos que a vulnerabilidade clama por ela. Comprendemos que o direito à vida precisa ser garantido e preservado por todos e para todos; é questão de sobrevivência. Concebemos a educação como direito e a Pedagogia social como justiça pedagógica, integrante da emancipação humana. A potência da Pedagogia Social por nós realizada reside na opção política por ajudar a construir políticas públicas que promovam a justiça social associada à justiça pedagógica, dentro e fora da escola. Por compreender a educação como direito, concebemos a Pedagogia social como justiça pedagógica e integrante de um projeto social voltado para a da emancipação humana. Não tememos declarar nosso amor pelos seres humanos; aliás, quem não os ama, dificilmente poderá atuar como educador social. Volto a afirmar ser o amor à força mais poderosa que conheço. Ele é revolucionário, nos move, transforma e nos forma e nos leva à transcendência. Uma ciência com afeto é possível de ser exercida. Além de ser questão de escolha e promotora de vida, restaura nossa humanidade.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Margareth Martins. *Pedagogia Social: diálogos com crianças trabalhadoras*. Expressão e Arte, São Paulo, 2015.

_____. *Por uma Pedagogia Social para o Século XXI*. Coleção Pedagogia Social para o Século XXI, Editora CRV. Curitiba, 2020.

FREIRE, Paulo. *Professora Sim, Tia Não – Cartas a quem ousa ensinar*. Olho d'água, São Paulo, 1987.

_____. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra, São Paulo, 1993.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

_____. (In) Cortella, Mário Sérgio. Entrevista de Dez Anos da Morte de Paulo Freire, *Revista Fórum*, Reprodução autorizada, TV PUC, 2007.

_____. Educação e Política. (in Brandão Carlos Rodrigues) (org.). Editota Graal, Eio de Janeiro, 1982.

MATURANA, Humberto. *Emoção e Linguagem na Educação e na Política*, Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa, Instituto Piaget, 1990.